

***Memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris* (cf. Gn 3,19): o rito da imposição das cinzas entre história, teologia, antropologia e pastoral**

Memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris (cf. Gn 3,19): the Rite of Imposition of Ashes between History, Theology, Anthropology and Pastoral

Nome do autor
Universidade Católica de Pernambuco - Brasil

Resumo

O presente artigo se configura como uma análise do rito da imposição das cinzas, celebrado na abertura do caminho quaresmal do rito romano (quarta-feira de cinzas) rumo à Páscoa. O método utilizado é o indicado pela *Sacrosanctum Concilium* 48 (*per ritus et preces*). Parte-se, portanto, da forma ritual atual, como registrada no Missal Romano *editio typica III*, sublinhando as diferenças fundamentais em relação à sua “fisionomia” celebrativa precedente à reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II. Busca-se o seu fundamento bíblico, histórico para encontrar as suas peculiaridades teológicas, antropológicas e pastorais, com o fim de fazer a sua experiência corresponder à dignidade devida da *ars celebrandi*.

Palavras-chave

Cinzas.
Quaresma.
Rito.
Conversão.
Liturgia.

Abstract

This article is configured as an analysis of the rite of the imposition of ashes, celebrated in the opening of the Lenten path of the Roman rite (Ash Wednesday) towards Easter. The method used is indicated by *Sacrosanctum Concilium* 48 (*per ritus et preces*). We start, therefore, from the current ritual form, as recorded in the Roman Missal *editio typica III*, underlining the fundamental differences in relation to its celebratory “physiognomy” preceding the liturgical reform promoted by the Second Vatican Council. Its biblical, historical foundation is sought in order to find its theological, anthropological and pastoral peculiarities, in order to make its experience correspond to the due dignity of the *ars celebrandi*.

Keywords

Ashes.
Lent.
Rite.
Conversion.
Liturgy.

Introdução

O presente estudo pretende analisar o gesto “simples” e “complexo” de imposição das cinzas no rito romano. Percorreremos, em grandes linhas, a sua gênese na liturgia cristã, a sua evolução histórica e o seu significado teológico no horizonte antropológico dos gestos que constituem o rito.

Esta pesquisa apresenta algumas limitações. Nos dedicaremos à investigação do gesto da imposição das cinzas única e exclusivamente na celebração eucarística da Quarta-Feira de Cinzas, sem considerarmos a possibilidade de também celebrá-la no contexto de uma liturgia da Palavra no mesmo dia. Uma apreciação mais abrangente exigiria averiguar as causas que levaram o rito romano a assumir este gesto, ao contrário de outros ritos, como o ambrosiano, onde este gesto não era contemplado e passou a sê-lo somente por influência do rito romano. No entanto, dada a extensão do nosso trabalho, não será possível essa incursão.

A nossa pesquisa está estruturada em seis pontos. Primeiro, partindo do rito litúrgico tal como se apresenta no Missal atual, traçaremos o contexto ritual do gesto de imposição; segundo, continuaremos o percurso pesquisando na cultura bíblica o uso e o simbolismo deste gesto; terceiro, retomaremos, em linhas gerais, a sua gênese e desenvolvimento histórico para conhecer as passagens que determinaram a sua assunção na liturgia cristã/romana; quarto, examinaremos o seu contexto teológico, tentando destacar todas as relações verticais que brotam dos vários elementos que compõem o rito; quinto, por outro lado, em continuidade com o anterior, centrar-se-á nas relações horizontais, ou seja, a antropologia subjacente ao gesto ritual e, finalmente, no último ponto, o sexto, faremos uma síntese do argumento, questionando algumas realidades pastorais para verificar como este gesto é compreendido e vivido hoje.

O contexto Ritual

O rito da imposição das cinzas, como aparece no Missal Romano atual¹, é o fruto da reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II. A Constituição *Sacrosanctum Concilium* (n. 109), no que diz respeito ao tempo santo da Quaresma, exige que a celebração e a catequese litúrgica deem maior ênfase ao caráter batismal e penitencial deste tempo, em preparação para a Páscoa. Por essa razão, o rito de bênção e distribuição de cinzas, com o qual se inaugura o tempo penitencial da Páscoa, foi modificado em relação à forma do Missal pré-conciliar, para que possa expressar mais claramente o seu caráter próprio.

O rito atual está inserido no fim da liturgia da Palavra da Missa e não mais, como acontecia no Missal de 1962, no início da mesma. Além disso, mesmo quando é realizado fora da celebração eucarística, requer sempre a proclamação da Palavra de Deus. Isso quer dizer que a fé no Senhor e, portanto, a conversão/orientação das nossas vidas para Ele, como nos recorda o apóstolo Paulo na sua carta aos Coríntios (1,1-2), nasce da escuta da Palavra. O rito da imposição das cinzas, portanto, colocando-se em continuidade com a Palavra acabada de ouvir, recebe dela o seu poder expressivo; é a Palavra que gera naqueles que participam o desejo de conversão, cujo sinal perceptível, o rito das cinzas representa.

Enquanto, no Missal anterior, onde o rito era composto por quatro orações, todas a serem recitadas para a bênção, o atual abre-se com um simples convite: “Caros irmãos e irmãs, roguemos insistentemente a Deus Pai [...]”, que compendia o significado do que está prestes a se cumprir, concentrando a atenção não tanto nas cinzas, mas no significado da sua imposição (NOCENT, 1991, p. 161-163). Além disso, nesta introdução, há uma referência explícita à imposição das cinzas *capitibus nostris*. Após um breve silêncio, o rito continua com uma única oração que o presidente da

¹ O rito da imposição das cinzas, segundo a reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II, aparece hoje inserido na celebração litúrgica da Quarta-feira de Cinzas, imediatamente após a homilia. O rito, objeto do nosso estudo, é aquele codificado na terceira edição do Missal Romano: cf. *Missale Romanum ex decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli PP. VI promulgatum Ioannis Pauli PP. II cura recognitum*, Editio typica tertia, reimpressio emendata, Typis Vaticanis, Città del Vaticano 2008, 197-199.

celebração pode escolher entre as duas fórmulas propostas. Na primeira fórmula: “*Deus, qui humiliatione flécteris et satisfactione placaris [...]*”, a bênção de Deus é invocada sobre aqueles que receberão o símbolo austero das cinzas, enquanto que na segunda: “*Deus, qui non mortem sed conversionem desideras peccatorum [...]*”, abençoam-se as cinzas que serão impostas, como especificado pela própria oração, *quos capitibus nostris*. Esta oração é seguida da aspersion das cinzas com água benta. Depois disto, o sacerdote as impõe sobre a cabeça dos fiéis que se aproximam dele processionalmente, e sobre cada um deles ele também pronuncia, simultaneamente com o gesto, uma nova fórmula: “*Pœnitementi, et credite Evangelio*”.

Esta fórmula, retirada do Evangelho de Marcos 1,15, sublinha a dimensão positiva da Quaresma, ou seja, o ato necessário da conversão e do crer; além disso, é-lhe também dada a possibilidade de utilizar a antiga fórmula retirada do livro de Gênesis 3,19: “*Memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris*” (AUGÉ, 2019, p. 190-191). É interessante observar que esta última fórmula, ao contrário da primeira, está intimamente ligada ao gesto da pessoa que impõe as cinzas; nesse caso o gesto é perfeitamente acompanhado pela palavra, que revela o seu significado. Finalmente, durante o ato de imposição, o rito inclui o canto de três antífonas, um responsório e o Salmo 50 (NOCENT, 1991, p. 162).

O contexto ritual em que o gesto de imposição está inserido, nos faz vislumbrar sua simbolicidade. Ele, na verdade, é colocado como um sinal que descreve bem a fragilidade do homem e da mulher, o seu ser feito de pó e a sua imensa necessidade da graça de Deus. A austeridade simbólica de impor sobre a cabeça do fiel o sinal das cinzas, lugar da identidade e dignidade da pessoa, exprime a consciência de que sem comunhão com Deus, tudo está destinado a ser reduzido a pó: as obras que realizamos, as pessoas que amamos, tudo o que nos pareceu grande (CAMISASCA, 2020, p. 115).

A *impositio cinerum*, além da sua inserção no amplo contexto da Quaresma, no nosso caso, encontra-se inserido no coração de um contexto particular, ou seja, a celebração da Eucaristia. Dentro dela, o significado dos vários elementos, gestos e ritos é ainda mais enriquecido, de modo que todos eles são orientados para o culminar da celebração: a comunhão eucarística.

Também o rito das cinzas, então, inserido nesse contexto celebrativo, é por ele “eucaristizado”. O fato de ser um sinal do caminho penitencial leva-o a simbolizar o caminho de conversão que cada cristão é chamado a empreender para entrar naquela comunhão perfeita com Deus e com os seus irmãos na fé, um caminho penitencial não com um fim em si mesmo, mas orientado para a realização da missão eucarística: tornar-se em Cristo um só corpo e um só espírito.

O contexto bíblico

A prática quaresmal da imposição das cinzas é considerada índice do desejo de renovação interior. As cinzas, de fato, como sinal de arrependimento e conversão, estão entre os sinais característicos com que se expressa o caminho da Quaresma à Páscoa.

A primeira coisa a ser enfatizada, porém, é que tanto as cinzas quanto o gesto de imposição não são um símbolo estritamente cristão. Se queremos conhecer as raízes deste gesto, é necessário, portanto, ultrapassar os limites da cultura cristã e refazer aquelas relações que levaram o cristianismo a tomá-lo como sinal de penitência.

O uso de pulverizar com cinzas é uma prática muito antiga. Os povos da Grécia, Egito, Arábia e o povo judeu, de fato, conheciam e praticavam esse costume. Em seus rituais, eles espargiam suas cabeças e corpos com cinzas, revolviam-se ou dormiam sobre elas; eles o consideravam um verdadeiro meio de purificação, de luto, de tristeza e expiação, uma expressão de arrependimento e penitência.

Além disso, primeiro com a cultura judaica e depois com a cristã, essa prática austera começou a significar o desejo de renovação interior e conversão. As cinzas eram uma forma de mostrar publicamente luto e penitência. Elas, usadas conjuntamente com a poeira e a lama, exprimiam bem uma situação de tristeza e transitoriedade, uma figura da brevidade e do limite da vida (ANDRIANOPOLI, 1936, p. 25-26).

Naturalmente, a tradição cristã, no que diz respeito ao simbolismo das cinzas, inspirou-se e se colocou em continuidade com a tradição bíblica do

Antigo Testamento. No livro do Gênesis (18,27) as encontramos como sinal de humilhação diante de Deus e mais tarde como purificação ritual para os impuros (Nm 19,9-10.17; Hb 9,13). No segundo livro de Samuel (13,18-19) se tornam um sinal do qual envergonhar-se; no livro do profeta Isaias (44,20) são utilizadas como termo bíblico que representa a vaidade humana; já para o profeta Daniel (9,3), expressam um profundo arrependimento. Para Jó (30,19) as cinzas assumem o significado de sujeira e para o salmista (Sl 102,10), aparecem como desgraça. Na experiência de Jó (42,6) o estar arrependido se manifesta colocar-se sobre as cinzas. Para ele, a dor, também ela, se manifesta com a expressão de sentar-se sobre as cinzas, e um homem abatido e derrotado pelos seus adversários é um homem feito de cinzas (Jó 30,19). Noutras passagens o ato de cobrir-se de cinzas aparece como um sinal de luto, tristeza e arrependimento (2Sm 13,19; Is 58,5; Is 61,3; Jr 6,26; Ez 27,30; Jó 2,8; Mt 11,21).

O gesto penitencial de imposição das cinzas sobre a cabeça indica o caminho do arrependimento e da purificação através do qual o homem se compromete a voltar para Deus, de quem se separou pelo pecado, levando uma existência que não se conforma com a sua lei. Deste ponto de vista, então, a penitência pode ser considerada o ato final de um processo de conversão e mudança de vida ao qual somos constantemente exortados (2Rs 17,13; Tb 13,8; Is 21,12; Ez 14,6; 18,30-32; 33,11) (VIGNI, 2016, p. 469-470).

Na liturgia da tradição romana, o gesto da *impositio cinerum* tem grande força psicológica entre os fiéis, dado o caráter universal do simbolismo das cinzas. Pelo seu valor de penitência, sacrifício, humilhação, é adequado para iniciar a Quaresma como um tempo propício para reconhecer a fragilidade, o erro e a necessidade de Deus (CASTELLANO, 1994, p. 128).

Para compreender o itinerário quaresmal atual é oportuno citar duas outras passagens bíblicas que nos ajudam a contextualizar melhor o gesto penitencial com o qual se expressam tanto a fragilidade do homem feito de pó quanto o constante apelo à conversão. No livro de Gênesis 3,19, por exemplo, somos lembrados de que cinza é o que resta depois de um incêndio ou da corrupção de coisas e pessoas. Reconhecer-se como pó é um chamado à humildade ao admitir nossa condição fraca e valetudinária. A fragilidade da

vida humana, entretanto, não é um fim em si mesma; por meio dela, de fato, o homem experimenta a grandeza de Deus (ALDZÁBAL, 1989, p.147).

Esta passagem do livro do Gênesis é o substrato bíblico subjacente à antiga fórmula da imposição de cinzas que ainda pode ser usada. Por meio dela, porém, não se quer apenas considerar o aspecto da transitoriedade da vida humana, mas, a partir desse fato antropológico, quer-se recordar a urgência da conversão e da renovação pascal. Eis o porquê de terem sido introduzidos novos textos na liturgia e, sobretudo, uma nova fórmula para a imposição das cinzas: “convertei-vos e crede no Evangelho”, retirada do Evangelho segundo Marcos 1,15. Esta última fórmula, embora não tenha uma referência explícita às cinzas, manifesta o constante apelo à conversão e à reconciliação (LÓPEZ MARTIN, 1997, p. 64). A *metanóia*, a que o Evangelho convida, não quer ser uma simples conversão de mentalidade, mas antes uma reorientação da vida em Cristo, onde a conversão corresponde a acreditar nele.

O contexto histórico

Conforme exposto acima, o elemento material das cinzas com seu ato consecutivo de imposição, não são de origem puramente cristã; na verdade, já em um ambiente pagão, eles parecem ser um símbolo difundido de dor aguda e penitência (TOTARO, 1922, p. 43). Vimos também como na cultura bíblica esse gesto está muito presente e assume múltiplos significados. As primeiras comunidades cristãs receberam este gesto da cultura na qual estavam inseridas e “identificaram” a dor e a penitência, que as cinzas já simbolizavam, à transitoriedade da vida do homem, tornando-a um propósito de conversão no itinerário da fé.

A este respeito, alguns testemunhos dos padres da Igreja e dos primeiros autores cristãos como, por exemplo, Tertuliano, Cipriano de Cartago, Eusébio de Cesaréia, Ambrósio de Milão e Jerônimo, os quais afirmam o uso litúrgico deste gesto como um elemento próprio da primeira prática penitencial, na qual os penitentes, de fato, vestidos de saco e

cobertos de cinzas confessaram seus pecados ao Bispo, são de máxima importância (ADRIANOPOLI, 1939, p. 27).

O gesto da imposição das cinzas, antes mesmo de ser um elemento tipicamente quaresmal, era parte integrante da prática penitencial do *ordo pœnitentium* dos primeiros séculos. Aqueles que entravam neste *ordo* estavam sujeitos a múltiplas proibições; por tal razão, com o passar do tempo, considerou-se oportuno fazer coincidir o itinerário penitencial com o tempo da Quaresma devido ao seu caráter de penitência. O início da penitência canônica/pública, então, foi convenientemente transferido para a quarta-feira da semana quinquagesimal² chamada já no *Sacramentarium Gelasianum Vetus* (n.83) *Feria IV Caput Quadragesimæ*, a nossa Quarta-feira de Cinzas. Nesse dia, os pecadores públicos, envergando o hábito penitencial e cobertos de cinzas, eram “excomungados” da assembleia, obrigados à penitência pública e depois reconciliados pelo Bispo na manhã da Quinta-feira Santa (PACINI, 2020, p. 86-90).

Por volta do final do século XI, com o desaparecimento da instituição da penitência pública, as cinzas passaram a ser impostas a todos os fiéis. Em confirmação, o Sínodo de Benevento de 1091, presidido pelo papa Urbano II († 1099), prescreveu o rito para clérigos e leigos durante uma liturgia penitencial com procissão; na celebração, que era precedida da confissão sacramental dos fiéis, as cinzas eram espalhadas sobre a cabeça dos homens e às mulheres era feito com as mesmas uma cruz sobre a fronte, por causa de sua cabeça velada (RIGHETTI, 1998, p. 154). Desta forma, todos os que recebiam o símbolo das cinzas estavam oficialmente em estado de penitentes até a Quinta-feira Santa, dia em que seriam reconciliados com Deus e com a Igreja.

² Para um estudo mais aprofundado da história da formação da Quaresma no rito romano e da inclusão do rito das cinzas, elemento típico da prática penitencial do *ordo pœnitentium* dos primeiros séculos, como o *caput quadragesimæ*, indicam-se os seguintes estudos: TALLEY, Thomas. *Le origini dell'anno liturgico*. Brescia: Queriniana, 1991; AUGÉ, Matias. *L'anno liturgico nel rito romano*. I) *Gli sviluppi delle celebrazioni pasquali dal secolo IV al secolo XVI*. In: CHUPUNGCO, Anscar (org.). *Scientia liturgica. Manuale di liturgia*. vol. 5: *Tempo e spazio liturgico*. Casale Monferrato: PIEMME, 1998, p. 212-221; RIGHETTI, Mario, *Manuale di storia liturgica*. vol. 2: *L'anno liturgico. Il breviario*. Milano: Ancora, 1998, p. 121-155; SANTANTONI, Antonio. *Riconciliazione*. A) *I primi quattro secoli*. In: SCHUPUNGCO, Anscar (org.). *Scientia liturgica. Manuale di liturgia*. vol. 4: *Sacramenti e sacramentali*. Casale Monferrato: PIEMME, 1998, p. 115-127.

A partir desse momento, a imposição das cinzas passou a coincidir com a quarta-feira anterior ao primeiro domingo da Quaresma, dia de jejum e abstinência. A denominação *Feria IV Cinerum*, Quarta-feira de Cinzas, entretanto, apareceu oficialmente nos missais romanos apenas a partir da segunda metade do século XVI com a reforma de Pio V, e manteve-se inalterada desde então até hoje (AUGÉ, 2019, p. 137).

Esta síntese do nascimento do rito de imposição das cinzas, que se desenvolveu simultaneamente à disciplina penitencial para a reconciliação dos pecadores, leva-nos a deduzir o simbolismo genético deste gesto ritual: quer exprimir a dinâmica pascal de vida cristã: morrer com Cristo ao pecado para viver a vida divina (BERGAMINI, 2001, p. 1577-1586).

O contexto teológico

O rito da imposição das cinzas, conforme referido, está geneticamente ligado ao sistema penitencial e depois também quaresmal da Igreja. Este vínculo ajuda-nos a compreender melhor o sentido teológico que o simples gesto carrega em si; na verdade, é o início visível de um processo individual e comunitário de conversão dos pecados, que tem como culminância celebrativa o renascimento em/com Cristo para uma nova vida.

Os gestos e símbolos como linguagem que constituem o rito da imposição das cinzas ajuda-nos a tomar consciência da extensão do compromisso que se inaugura com este gesto. Ele, lembrando-nos continuamente da condição débil e pecadora a que está sujeita a humanidade, convida-nos a dirigir preces à ardente graça de Deus, a única que nos permite iniciar e completar um verdadeiro itinerário de conversão (ALDZÁBAL, 1989, p.145).

As duas expressões de origem bíblica que acompanham o gesto de imposição das cinzas, e que o rito propõe, devem ser entendidas meramente de forma alternativa, mas complementar. No contexto do itinerário, desejam recordar tanto a transitoriedade humana, simbolizada pelo pó e as cinzas, como ao mesmo tempo a atitude de conversão a Cristo e ao seu projeto evangélico.

Além disso, tem um significado pedagógico o fato de as cinzas serem obtidas da queima dos ramos que foram abençoados no Domingo da Paixão do Senhor do ano precedente: o que era um sinal de vitória e depois transformado em cinzas, torna-se o sinal da passagem da morte para a verdadeira vitória, ou seja, a ressurreição (ALDZÁBAL, 1989, p.148).

A frase *memento homo quia pulvis est et in pulverem reverteris* da antiga fórmula de imposição, presente no rito atual como segunda possibilidade, lembra a frágil condição do homem, mas ao mesmo tempo também lembra sua condição criatural, pois o homem não se faz por si mesmo, mas é criado do pó da terra pela mão de Deus. Deste modo, as cinzas sobre a cabeça indicam um caminho que deve conduzir ao reconhecimento da própria condição humana, um caminho de fé através do qual a pessoa é chamada a redescobrir a sua vocação de ser criatura de Deus, feita à imagem e semelhança do Filho Unigênito. Deste modo, a prática austera torna-se um instrumento de renovação interior que atingirá a sua plena realização na celebração da Páscoa (AUGÉ, 2016, p. 192).

A nova fórmula que o rito propõe, por outro lado, sela a necessidade de conversão, fortemente lembrada pelo aparato eucológico e os textos bíblicos da missa da Quarta-feira de Cinzas. O cristão, de fato, é chamado à conversão permanente, e converter-se, para a Igreja, significa “medir-se” com Cristo, Palavra do Pai (CASTELLANO, 1994, p. 133).

O simbolismo do rito que se depreende da simplicidade da imposição das cinzas abençoadas com água e iluminadas pela Palavra de Deus e pela própria oração da Igreja, quer exprimir a dinâmica pascal da vida cristã, isto é, morrer com Cristo para pecado para viver plenamente a vida divina que nos foi dada por Ele em sua ressurreição. *A impositio cinerum*, então, conduz-nos no caminho à Jerusalém, lugar onde Cristo mostrará que para nascer e viver para uma nova vida é necessário abraçar a morte (BERGAMINI, 2001, 1578). Deste modo, a Quaresma, inaugurada com as cinzas, torna-se sacramento da Páscoa, sinal pedagógico e eficaz de um êxodo, de uma passagem da morte para a vida (ALDAZÁBAL, 1989, p. 150).

O elemento material das cinzas que inaugura o caminho, e a água da noite de Páscoa que o sela, estão ligados por uma unidade dinâmica. Por um

lado, as cinzas sujas falam de destruição e morte, enquanto a água limpa faz reviver, dá vida e é uma fonte inesgotável dela. Esses elementos, aparentemente em dissonância e em contraste entre si, constituem, pelo contrário, um meio através do qual a Igreja manifesta a intenção do caminho quaresmal: fazer entrar a pessoa inteira na dimensão pascal. As cinzas recebidas no início do itinerário pascal, portanto, não nos recordam apenas a nossa fraqueza e o nosso pecado, mas também o dom do chamado a elevar a nossa humanidade mediante a incorporação ao Ressuscitado, Senhor da vida (ALDAZÁBAL, 1989, p. 150).

Essa dimensão pascal e, ao mesmo tempo, batismal, à qual se dirige a preparação quaresmal, convida-nos a reviver intensamente a nossa condição de batizados a partir do gesto exterior da imposição das cinzas, que da autoridade da celebração em ato assume o primado de ser sinal do período catecumenal que leva à Páscoa (CASTELLANO, 1994, p. 132).

O contexto antropológico

O grande valor simbólico e teológico que sempre caracterizou a compreensão do gesto da imposição das cinzas, a sua dimensão penitencial, de fato, ajudou a fazer com que se tornasse, no rito romano, o elemento ritual que inaugura o grande itinerário da Quaresma, o sinal sacramental por excelência da nossa conversão, segundo a Coleta do I Domingo da Quaresma (*Missale Romanum*, 2008, 206).

Se nos colocarmos diante do rito da imposição das cinzas para apreender os códigos envolvidos, perceberemos que todo o sentido teológico e litúrgico que ele quer expressar é veiculado por alguns gestos antropológico-rituais que comumente se faz experiência na vida vivida, e o rito/gesto se torna, por essas mesmas experiências, acessível à nossa inteligência. Os objetos e cada gesto assumido pela ação litúrgica, de fato, desempenham um papel decisivo: não são um simples instrumento, mas um verdadeiro veículo de comunicação interpessoal, transmitem, em seu próprio código, uma mensagem, são uma linguagem (GENERO, 1983, p. 28). A forma ritual do gesto de imposição que nos é apresentado, portanto, não é uma ferramenta a ser

percorrida para chegar ao conteúdo nela contido, mas é o próprio manifestar-se do acontecimento, na imediação mediada da ação ritual (TOMATIS, 2010, p. 520).

Digno de atenção, então, é o silêncio exigido antes da oração para a bênção das cinzas: um símbolo da ação do Espírito Santo e o lugar de onde se origina a mesma oração, ou a forma como o sacerdote canta ou pronuncia a oração: *manibus extensis*, isto é: com os braços abertos e elevados ao céu; a aspersão das cinzas com água benta feita no silêncio, na qual se exprime e profetiza a passagem pascal da morte à vida. Por último, os elementos próprios do gesto que consideramos, como a procissão de quem quer receber as cinzas, a mão do sacerdote que as impõe e espalha, deixando-se manchar por elas, a cabeça do fiel que recebe, as palavras das duas fórmulas que acompanham o gesto e o canto da *schola cantorum* que emoldura todo rito sagrado.

Além disso, as cinzas utilizadas não são qualquer pó, mas um produto da combustão de ramos de palmeiras do Domingo de Ramos do ano anterior. Essa indicação, como bem podemos imaginar, traz em si muitos elementos simbólicos que, juntos, contribuem para tornar as cinzas um símbolo autêntico.

Infelizmente, às vezes, em nossas celebrações há um desequilíbrio exorbitante: à precisão com que as palavras rituais são pronunciadas nem sempre corresponde um gesto igualmente expressivo. Portanto, é necessário lembrar como o conteúdo das palavras litúrgicas, o significado, remete a uma visão da realidade, enquanto sua forma expressiva, ou seja, o significante, cria uma relação com a realidade e as pessoas (BONACCORSO, 1996, p. 640).

A inteligência dos signos passa antes de tudo por uma referência obrigatória às pessoas e atores envolvidos e à sua identidade físico-espiritual (GENERO, 1983, p. 33). A corporeidade, então, é a condição e a sede da experiência salvífica; cada atitude, gesto, ação é o componente daquela eclesialidade ritual na qual os objetos e instrumentos que lhes correspondem têm sentido e lugar (NOCENT, 1981, p. 46-52).

O objeto que entra no ato de culto adquire seu papel significativo quando bem integrado ao gesto de quem o usa; o que realmente importa,

então, não está tanto no conteúdo comunicado, mas no próprio fato de ocorrer uma ação, uma comunicação, uma aliança (CHAUVET, 1982, p. 49-50).

A atenção às relações verticais e horizontais e aos códigos verbais e não verbais presentes em cada rito litúrgico, oferece-nos a oportunidade de fazer uma leitura simbólica renovada de todos aqueles gestos simples e elementos presentes na imposição das cinzas.

No tocante aos códigos não verbais, podemos reconhecer a presença do espacial/proxêmico, ou seja, as relações de aproximação-afastamento das pessoas entre si e em relação ao ambiente circundante; o código espacial cinésico, ou seja, todos os movimentos dos sujeitos como caminhar/procissão junto com outros para receber as cinzas; o código de tempo, ou seja, a sequência cronológica dos vários elementos na ação; o código musical; o código icônico, que é o valor simbólico dos elementos individuais (cinza, sinal de morte, sujeira, penitência, purificação; água, sinal de vida, lavacro, regeneração; a mão, sinal de ação, expressão, relacionamento; cabeça, sinal da dignidade e identidade da pessoa); e, finalmente, o código tátil, que é tocar a cinza com a mão e experimentá-la com o corpo (SCHERMANN, 2004, p. 109-127).

Fato é que somente através da linguagem simbólica, *per ritus et preces*, de fato, temos a oportunidade de testemunhar uma verdadeira epifania: a ação litúrgica, uma ação teândrica, torna-se a mediação da imediação do mistério. Portanto, é necessário superar o critério do “necessário para a validade” para que o rito litúrgico, em todos os seus componentes, possa recuperar aquela *veritas* pela qual se torna sinal sensível da graça invisível.

O contexto pastoral

A pergunta que agora nos parece oportuno fazer é se este gesto é realmente assumido, na experiência pastoral hodierna, como um sinal penitencial-pascal e se é concebido da mesma maneira nas diferentes culturas da comunidade cristã que vive no mundo.

Infelizmente, em vários contextos, como é sabido, pode-se incorrer em uma interpretação do gesto de impor cinzas distante e distanciador do seu real significado. Com efeito, se não for acompanhada de uma cuidadosa catequese litúrgico-mistagógica, corre o risco de ser vivido com aquele automatismo que o torna estéril ou mesmo, se enodoa de superstição, corre o risco de ser entendido como um rito mágico de perdão dos pecados em si e para si.

A propósito desse último desvio, é necessário recordar o perigo de reduzir a imposição das cinzas a um gesto desvinculado de todo o itinerário quaresmal, reduzindo-o a um simples ato específico do início da Quaresma mas sem implicações que favoreçam a transformação do coração. Ao mesmo tempo, o mesmo risco está presente quando se quer separar este gesto do sulco da celebração litúrgica em que se insere e da qual extrai o seu verdadeiro sentido.

Também deve ser considerado que o elemento cinza não tem o mesmo valor e significado em todo o mundo. Por exemplo, em áreas vulcânicas, é marcadamente destacado como um sinal de morte, destruição, pobreza e terror.

A celebração da Quarta-feira de Cinzas é chamada a ser a porta que conduz à experiência da verdadeira Páscoa. Portanto, é evidente a necessidade de cuidar de todos os aspectos que compõem esta celebração, para que a verdade intencionada apareça em cada gesto. A liturgia, de fato, é composta não só de palavras, mas também de gestos que explicam por si mesmos o que está sendo celebrado. Assim, o gesto simples, mas rico em conteúdos, é chamado a iniciar um caminho de conversão que terá como ponto de chegada a Páscoa.

Para que este gesto seja bem compreendido, é necessário, portanto, cuidar de alguns aspectos da pastoral litúrgica e catequética como, por exemplo, fazer bem o gesto, respeitando assim a verdade do sinal litúrgico, pronunciar as palavras de forma clara e não omiti-las para encurtar os tempos e, finalmente, formar antecipadamente a assembleia para que o rito ocorra de forma consciente e tenha os resultados esperados.

Uma proposta a mais seria usar as duas fórmulas alternadamente para sublinhar o seu vínculo intrínseco e assim ajudar os fiéis a compreender que o simples gesto é um convite a reconhecer a própria fragilidade e ao mesmo tempo a aceitar a necessidade de conversão a Cristo por meio do Evangelho.

Além disso, sempre com uma finalidade pastoral, é bom ter presente a possibilidade de fazer este gesto também num dia seguinte à quarta-feira de cinzas (ALDAZÁBAL, 1989, p. 151-152). Ele, como já foi dito, que inaugura o caminho quaresmal, não deve ser entendido como um sinal de penitência circunscrito em si mesmo, mas como um verdadeiro sinal evangelizador que, acompanhado de palavras, ajuda o cristão a fazer uma experiência profunda de Deus.

Considerações finais

Com o percurso proposto neste estudo quisemos apresentar o longo percurso do rito da imposição das cinzas e o seu rico conteúdo bíblico, histórico, teológico e pastoral. E daí concluímos que o rito de bênção e imposição das cinzas, com o qual se inaugura o período penitencial pascal, foi modificado em relação ao do Missal pré-conciliar, para que pudesse expressar mais claramente a sua própria natureza. Ele se apresenta hoje inserido na celebração litúrgica da Quarta-feira de Cinzas, imediatamente após a homilia.

O gesto de imposição das cinzas inserido no início do itinerário quaresmal é um sinal que codifica a fragilidade do homem, o seu ser de pó e a sua imensa necessidade da graça de Deus. Aquele símbolo austero, colocado na cabeça, lugar de identidade e da dignidade da pessoa expressa a consciência de que, sem comunhão com Deus, tudo se reduz a pó: as obras que realizamos, as pessoas que amamos. Da mesma forma, a prática quaresmal da imposição das cinzas é considerada um instrumento de renovação interior que favorece o encontro com Deus e os irmãos.

Sumariamente, o nosso intuito foi ajudar a reconhecer, por um lado, a riqueza do rito e, por outro, a necessidade de aprofundar aqueles aspectos que a liturgia nos oferece e que aparentemente parecem insignificantes. Este *tour* é um convite a tomar consciência de quem somos, reacender o nosso

sentido de criatividade e a certeza de que não somos o barro desprezado. Da mesma forma, implica também abertura à Boa Nova de Jesus, deixando de lado a resistência daqueles que já se consideram salvos.

Referências

ALDAZÁBAL, José. *Gestos y símbolos*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1989.

ANDRIANOPOLI, Luigi. Le ceneri. *Rivista liturgica*, Padova; Finalpia, v. 23, n. 1, p. 25-29, gen./feb. 1936.

AUGÉ, Matias. *Ano Litúrgico*. É o próprio Cristo presente na sua igreja. Traduzido por Geraldo Lopes. São Paulo: Paulinas, 2019.

AUGÉ, Matias. L'anno liturgico nel rito romano. I) Gli sviluppi delle celebrazioni pasquali dal secolo IV al secolo XVI. In: CHUPUNGCO, Anscar (org.). *Scientia liturgica*. Manuale di liturgia. vol. 5: Tempo e spazio liturgico. Casale Monferrato: PIEMME, 1998.

BERGAMINI, Augusto. Quaresima. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille Maria; CIBIEN, Carlo (orgs.). *Liturgia*. Cinisello Balsamo: San Paolo 2001.

BONACCORSO, Giorgio. Il culto di Dio nei gesti dell'uomo. *Rivista liturgica*, Padova; Finalpia, v. 83, n. 6, p. 637-657, nov./dic. 1996.

CAMISASCA, Massimo. *Il giorno senza tramonto*. Liturgia e misteri della vita di Gesù. Cinisello Balsamo: San Paolo 2020.

CASTELLANO, Jesús Cervera. *El año litúrgico*. Memorial de Cristo y mistagogía de la Iglesia. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1994.

CHAUVET, Louis-Marie. *Linguaggio e simbolo*. Saggio sui sacramenti. Leumann: Elle Di Ci, 1982.

GENERO, Guido. Gesto rituale e oggetti nella celebrazione liturgica. *Rivista liturgica*, Padova; Finalpia, v. 70, n. 1, p. 26-35, gen./feb. 1983.

LÓPEZ MARTIN, Julián. *El año litúrgico*. Historia y teología de los tiempos festivos cristianos. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1997.

MISSALE Romanum ex decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli PP. VI promulgatum Ioannis Pauli PP. II cura recognitum, Editio typica tertia, reimpressio emendata. Città del Vaticano: Typis Vaticanis, 2008.

NOCENT, Adrien. Gestos, símbolos e palavra nella liturgia occidentale contemporanea. *Rivista Concilium*: Rivista internazionale di teologia, Brescia,

vol 16, no 2, p. 46-52, mar./apr. 1981.

NOCENT, Adrien. Quaresma II. A celebração da quaresma hoje. In: AUGÉ, Matias; CHUPUNGO, Anscar; ROONEY, Marcel; SCICOLONE, Ildebrando; NOCENT, Adrien; TRIACCA Achille Maria (orgs). *Anàmnesis*, vol.5: O ano litúrgico. História, teologia e celebração. Traduzido por VIDIGAL, José Raimundo. São Paulo: Paulinas, 1998.

NOVA VULGATA Bibliorum sacrorum editio. Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II ratione habita iussu Pauli PP. VI recognita, auctoritate Ioannis Pauli PP. II promulgata, Editio typica altera. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1986.

RIGHETTI, Mario. *Manuale di storia liturgica*. vol. 2: L'anno liturgico. Il breviario. Milano: Ancora, 1998.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Constitutio de Sacra Liturgia Sacrosanctum concilium (4 decembris 1963). *Acta Apostolicae Sedis*. Città del Vaticano, annus 56, series 3, v. 6, p. 97-138, februarii 1964.

SANTANTONI, Antonio. Riconciliazione. A) I primi quattro secoli. In: SCHUPUNGO, Anscar (org.). *Scientia liturgica*. Manuale di liturgia. vol. 4: Sacramenti e sacramentali. Casale Monferrato: PIEMME, 1998.

SCHERMANN, Josef. *Il linguaggio nella liturgia*. I segni di un incontro. Assisi: Cittadella, 2004.

TOMATIS, Paolo. *Accende lumen sensibus*. La liturgia e i sensi del corpo. Roma: CLV-Edizioni liturgiche, 2010.

TOTARO, Luigi. Le ceneri. *Rivista liturgica*, Padova; Finalpia, v. 9, n. 1, p. 43-47, gen./feb. 1922.

VIGNI, Giuliano. Penitenza. In: *Dizionario della Bibbia*. 500 voci per capire, interpretare e meditare le Scritture. Città del Vaticano. Libreria Editrice Vaticana, 2016.

Trabalho submetido em 23/12/2021.

Aceito em 01/05/2022.

José Pereira Silva

Doutor em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico de Santo Anselmo - Roma, Italia (2016), Mestre em Sagrada Teologia com especialização em Liturgia Pastoral, pelo Instituto di Liturgia Pastorale di Santa Giustina de Pádua - Itália (2012), Possui graduação em Bacharel em Teologia pelo Instituto Franciscano de Teologia de Olinda - IFTO (1997-2000) e revalidou na Faculdade Católica de Fortaleza (2017). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9374-1817> Email: josepereira.silva@unicap.br